

Regt, Ali de. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Ofensiva civilizadora: do conceito sociológico ao apelo moral. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 47, p. 137-153, Agosto de 2017, ISSN 1676-8965.

**ARTIGO**

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

## Ofensiva civilizadora: do conceito sociológico ao apelo moral

Civilizing offensive: from the sociological concept to moral appeal

*Ali de Regt*

Tradução de *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*

**Recebido:** 15.02.2017

**Aceito:** 10.04.2017

**Resumo:** Este artigo discute a história do conceito *beschavingsoffensief* (ofensiva civilizadora) na Holanda. Introduzido em 1979, o conceito foi desenvolvido por sociólogos, antropólogos e historiadores na década de 1980 para analisar as iniciativas burguesas do século XIX para civilizar as classes mais baixas. Começando como um conceito social-científico neutro em termos de valor, o termo foi popularizado no discurso público holandês desde a década de 1990. Foi usado como uma exortação moral para afastar presumidos males sociais na esfera pública, como falta de educação e rudeza, vandalismo e hooliganismo. Seu uso na imprensa pública mostra que o conceito tornou-se parte de um discurso sobre o declínio moral, um sentimento generalizado de que as maneiras e comportamento na sociedade estão se deteriorando. **Palavras-chave:** ofensiva civilizadora, ciências sociais na Holanda, discurso público, declínio moral

**Abstract:** This article discusses the history of the concept *beschavingsoffensief* (civilizing offensive) in the Netherlands. Introduced in 1979, the concept was developed by sociologists, anthropologists and historians in the 1980s to analyze nineteenth century bourgeois initiatives to civilize the lower classes. Starting as a value-neutral social-scientific concept, the term got popularized in Dutch public discourse since the 1990s. It was used as a moral exhortation to ward off presumed social ills in the public sphere, like impoliteness and rudeness, vandalism and hooliganism. Its use in the public press shows that the concept has become part of a discourse on moral decline, a widespread feeling that the manners and behavior in society are deteriorating. **Keywords:** civilizing offensive, social science in the Netherlands, public discourse, moral decline

### Introdução\*

Em 1979, o historiador holandês Piet de Rooy usou o termo *beschavingsoffensief* (ofensiva civilizadora) pela primeira vez<sup>1</sup>. Descreveu, através deste termo, as novas

---

\*Um agradecimento à autora por ter gentilmente permitido a publicação da tradução deste artigo, lançado originalmente na revista *Human Figurations*, v. 4, Issue 1, January 2015. O artigo original pode ser encontrado no link: <http://hdl.handle.net/2027/spo.11217607.0004.103>

<sup>1</sup>Embora a autora use no artigo inteiro o termo em holandês *beschavingsoffensief*, tentando fixá-lo como conceito, nesta tradução se optou por usar o termo no sentido conceitual em português, expresso pela própria autora, que o traduziu para o inglês como *civilizing offensive*. Deste modo, o termo *beschavingsoffensief* se encontra traduzido para o português como *ofensiva civilizadora*, como forma de facilitar e melhorar o estilo do artigo e a leitura dos possíveis leitores. [Nota do tradutor].

ideias e práticas de assistência social aos pobres no século XIX. Ao assim o usar, De Rooy o colocou em um movimento mais amplo, como "a *ofensiva civilizadora* que a burguesia estabelecida, logo após 1800, tinha lançado para a classe trabalhadora" (De Rooy, 1979, p. 9).

No mesmo parágrafo, De Rooy fala de uma ofensiva *burgerlijk* (burguesa) (1979, p. 10), e aponta para a similaridade desse movimento moral com o que Christopher Lasch chamou de "forças da virtude organizada" (Lasch, 1977, p. 169). Bernard Kruithof, colega de De Rooy, assumiu o conceito e combinou *burgerlijk* e *ofensiva civilizadora* em seu artigo *De deugdzame natie* (A nação virtuosa, 1980). Um novo conceito sociológico daí nasceu.

Neste artigo, eu gostaria de me debruçar sobre a divulgação do termo ofensiva civilizadora na Holanda. Como um conceito científico-social, ele entrou gradualmente em uso, embora, inicialmente, não tivesse sido amplamente utilizado fora do círculo limitado de sociólogos e historiadores. Duas décadas após sua introdução, porém, o termo tornou-se bastante popular no discurso público.

Em primeiro lugar, eu vou localizar a origem do conceito no contexto intelectual e acadêmico de Amsterdã, por volta dos anos de 1980. Então, falarei algo sobre o conceito em si, seguido de algumas observações sobre a sua disseminação através da sociologia e da história.

Na seção subsequente esquematizarei sobre como o conceito foi usado fora das ciências sociais, pelo e através do discurso público. Para isso, eu pesquisei o uso do termo no conjunto dos jornais diários e semanais dos Países Baixos, de 1990 até 2013. Por fim, eu ofereço uma explicação inicial para a popularidade do termo e para as mudanças associadas ao seu significado.

### **O contexto intelectual**

Embora o termo holandês *beschaving* (civilização) seja equivalente à palavra civilização, os historiadores De Rooy e Kruithof, os primeiros autores a usarem o conceito de ofensiva civilizadora, não mencionaram Norbert Elias e sua teoria da civilização. Ambos os autores se referem a Christopher Lasch, que usa termos como "disciplina", "controle social" e "forças da virtude organizada".

No entanto, não foi por acaso que eles escolheram um termo que lhes lembrasse da teoria de Elias. Por volta de 1980, o trabalho de Elias se tornou bem conhecido entre sociólogos, antropólogos e historiadores dentro e fora de Amsterdã, e a sua teoria da civilização foi amplamente discutida. O interesse pelo trabalho de Elias fez parte de uma tendência mais ampla de aproximação entre a sociologia, a antropologia, a história e a psicologia psicanalítica. O que despontou na crescente popularidade da sociologia histórica, e não apenas da teoria da civilização de Elias, mas, também, do trabalho do marxismo e de Foucault. Os historiadores se tornaram, cada vez mais, atraídos pela *história das mentalidades*, orientados pelas ciências sociais, pela *Escola dos Annales*, na França, e pela psico-história, nos Estados Unidos.

Kruithof, como De Rooy, trabalhou no campo da pedagogia histórica. Foi membro de um grupo de sociólogos, historiadores e psicólogos, organizado por Abram de Swaan, no Departamento de Sociologia em Amsterdã.

Este grupo reuniu-se sob o nome de *Sociogênese e Psicogênese dos Arranjos de Bem-Estar*. O *Grupo Sociogênese*, como logo se chamou, foi inspirado no trabalho de Norbert Elias sobre o processo civilizador.

Os membros do grupo tinham uma abordagem histórica em comum, combinada com um interesse na relação entre os processos sociais e psicológicos, que foram empiricamente pesquisados a partir de temas sobre relações familiares, arranjos

assistenciais, profissões assistenciais e educação. Estes tópicos que foram integrados, mais tarde, no trabalho de Abram de Swaan (1988), intitulado *In Care of the State* (Sob Cuidado do Estado).

Embora os historiadores se mantivessem um tanto afastado dos debates teóricos, eles também foram influenciados pelas ideias e conceitos de Elias. Isso ficou claro quando Kruithof e De Rooy, editaram, - juntamente com Jan Noordman, - em 1982, o manual *Geschiedenis van opvoeding en onderwijs* (História da educação e do ensino). O manual iniciou com o artigo *Norbert Elias e nossa civilização*, de Nico Wilterdink, seguido por *Elias e a educação*, de Ernst Mulder. O livro incluiu, também, o *De Deugdzame Natie* (A nação virtuosa), de Kruithof, e o meu artigo sobre a educação das crianças da classe trabalhadora. No entanto, inicialmente, a noção de ofensiva civilizadora esteve apenas vagamente associada à teoria da civilização de Norbert Elias.

### **O conceito de ofensiva civilizadora**

A essência do processo civilizatório na teoria de Elias, em poucas palavras, diz respeito ao desenvolvimento em longo prazo do gerenciamento emocional: um constrangimento crescente para o autocontrole, começando nos estratos superiores da sociedade e se espalhando por camadas mais amplas da população. No trabalho de Elias, a distinção e a imitação são os mecanismos através dos quais esse processo ocorre.

Embora, no *Processo Civilizador*, Elias faça algumas observações sobre a civilização das classes mais baixas, por exemplo, pela igreja, - e o seu uso do conceito de *colonização* aponte na direção do que mais tarde será chamado de ofensiva civilizadora, - ele não elabora sobre este mecanismo, e a noção não participa de sua análise do processo civilizador como um todo. Portanto, poderia ser questionado se o conceito de ofensiva civilizadora se encaixaria dentro da sua teoria da civilização.

Em primeiro lugar, na teoria de Elias, o processo civilizatório é um desenvolvimento social não intencional e não planejado, resultado de balanços e interdependências de poder, particularmente, sob o impacto da formação do Estado. As pessoas se esforçam mutuamente para apresentarem um comportamento mais civilizado na competição recíproca de se distinguirem umas das outras. A imitação desse comportamento por grupos hierarquicamente mais baixos leva ao aperfeiçoamento nos grupos mais elevados dos padrões de autocontrole. Uma ofensiva civilizadora, pelo contrário, é uma iniciativa planejada e intencional para mudar o comportamento dos grupos tipos como inferiores.

Em segundo lugar, há uma tensão entre distinção e imitação, por um lado, e integração e incorporação, por outro. A distinção está orientada para o aumento da desigualdade e da diferença, e uma ofensiva civilizadora, por outro lado, é orientada para a integração de grupos inferiores na cultura dos estratos superiores ou, em outras palavras, com intenção de diminuir as diferenças.

No entanto, o conceito de ofensiva civilizadora não é incompatível com a teoria da civilização. Embora o processo de civilização como um todo não seja planejado, durante o processo civilizatório os grupos dominantes podem adotar ações específicas para civilizar os estratos inferiores. E, empiricamente, se pode demonstrar que muitas vezes o fizeram com certo grau de sucesso.

Claro que é importante apontar para a diferença entre uma ofensiva civilizadora e os seus efeitos. O fato de que o comportamento das classes mais baixas mudou na direção de um maior autocontrole não prova que este foi o resultado dessas ofensivas. As mudanças nas interdependências, - nas relações sociais, econômicas e políticas, - formam sempre as condições sob as quais uma ofensiva civilizadora pode ter qualquer

influência, mas uma ofensiva civilizadora pode também ter contribuído para mudanças de comportamento. Do mesmo modo, a distinção e a incorporação não se excluem necessariamente uma da outra.

Podemos afirmar com segurança que, em todas as sociedades agrárias, os grupos dominantes tentaram impor certas normas e padrões comportamentais às ordens inferiores. Na Idade Média e no início dos tempos modernos, isso foi feito principalmente pela igreja, porém, nos séculos XVIII e XIX, os grupos burgueses assumiram a liderança (ver Wilterdink, 2008).

Ligados à crescente interdependência por meio da industrialização e da formação de nações, para os grupos burgueses houve um aumento da pressão para elevar e civilizar as classes mais baixas, e as classes superiores e médias, recentemente formadas, buscaram ativamente mudar os padrões comportamentais das ordens inferiores. Seu objetivo não era apenas os levar ao cumprimento externo das regras, mas à internalização dessas regras ou, em outras palavras, ao autocontrole.

É importante notar que a *elevação* das classes mais baixas não foi feita para torná-las iguais à burguesia. A distância entre as classes era tão grande que as classes superiores poderiam tentar elevar as classes mais baixas para um nível mais alto de civilização sem ter que temer que perdessem suas qualidades distintivas. No entanto, tendo tais pensamentos em mente, podemos ligar o conceito de *ofensiva civilizadora* à teoria da civilização.

As tentativas de grupos superiores ou dominantes em relação a grupos menos poderosos, - orientados a ensinar a estes últimos padrões de comportamento mais disciplinados, um gerenciamento mais flexível das emoções e mais autorreflexão e autocontrole, - devem ser analisadas como parte de um processo civilizador mais geral, resultante da crescente interdependência entre certos grupos sociais ou estratos na sociedade. Desta forma, o conceito não é apenas útil ao estudo de tais tentativas no passado, mas, também, pode ser utilizado para analisar as ações de certos grupos em relação a outros, cujos problemas são vistos como resultantes de uma falta de autocontrole.

### **Ofensiva civilizadora ou disciplina?**

Na época em que a noção de *ofensiva civilizadora* foi introduzida, a teoria da civilização teve importantes rivais históricos e sociológicos, especialmente nos tópicos que eram centrais ao *Grupo de Sociogênese*. Essas teorias alternativas podem ser caracterizadas aqui pelo termo *perspectivas de controle*. Os arranjos assistenciais foram analisados quanto aos seus efeitos disciplinares, ao poder e ao controle que exerceram sobre o modo de vida dos beneficiários. Alguns autores trabalharam esta questão a partir de uma perspectiva marxista (Piven & Cloward 1971, Lis & Soly 1980), contudo, a principal fonte de inspiração da época foi o livro de Michel Foucault, *Discipline and Punish*<sup>2</sup> (1977).

Jacques Donzelot (1977), estudante de Foucault, desenvolveu essa perspectiva no livro *La Police des Familles* (A Polícia das Famílias)<sup>3</sup>. Livro que influenciou muitos cientistas sociais em suas pesquisas sobre o domínio das profissões assistenciais sobre a vida das classes mais baixas.

Donzelot descreveu sobre as mudanças nas famílias da classe trabalhadora, como resultado de novas estratégias de poder iniciadas no século XVIII, e lançadas por um novo grupo assistencial, os filantropos. Através do uso de várias técnicas

<sup>2</sup>Lançado em português pela editora Vozes, em 1977 sob o título *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*.

<sup>3</sup>Lançado em português em 1986, pela editora Graal. (Nota do tradutor).

disciplinares, eles mudaram o modo de vida da população em uma direção indispensável ao estado liberal. A contribuição das profissões assistencialistas para a formação de novos arranjos familiares, também, foi o tema central do *Haven in a Heartless World* (Refúgio num mundo sem coração) de Christopher Lasch (1977)<sup>4</sup>. De acordo com Lasch, terapeutas e outros profissionais sociais se intrometeram nas famílias, destruíram a sua autonomia e declararam os pais incompetentes para criar os seus filhos. É bom aqui frisar que, embora Lasch tenha analisado as intervenções profissionais nas famílias burguesas, por volta de 1900, e não nas famílias de classe baixa, a sua perspectiva é semelhante à de Donzelot.

Foi nesse debate teórico que eu tentei definir a minha própria posição, ao escrever minha tese sobre as famílias da classe trabalhadora na Holanda entre 1870 e 1940 (De Regt, 1984). Eu pertencia ao grupo de sociólogos de Amsterdã que trabalhavam na perspectiva eliasiana, e analisei as mudanças na vida familiar da classe trabalhadora holandesa como um processo civilizacional: uma mudança para uma regulação mais equilibrada, mais uniforme e mais abrangente das relações familiares, da vida íntima e das emoções. Procurei uma primeira explicação nos esforços orientados às mudanças das condições socioeconômicas, que gradualmente abriram novas oportunidades para mulheres e homens de melhorar sua posição e seguir um estilo de vida orientado ao das classes médias.

Uma segunda linha, na minha explicação, se desenvolveu em relação à influência dos grupos burgueses. Analisei detalhadamente o funcionamento de três iniciativas de bem-estar organizadas para elevar as famílias de classe baixa de sua situação de pobreza. Todas as três se concentraram na vida familiar e doméstica.

A primeira iniciativa analisada foi a da *Liefdadigheid Naar Vermogen* (Caridade segundo a Capacidade), uma organização de ajuda aos pobres de Amsterdã, de 1871, modelada de acordo com o padrão em voga proposto pela Sociedade para a Organização da Caridade de Londres. Esta Sociedade londrina introduziu o método *moderno* de auxílio à pobreza na Holanda.

Uma segunda iniciativa foi o trabalho sobre os coletores da renda de senhoras, originado em Londres na década de 1860 e adotado na Holanda na década de 1890. Estas mulheres pretendiam melhorar as condições de habitação das classes mais baixas através da aplicação de fundos para educação de higiene e normas de comportamento tais como limpeza, ordem moral e pagamento pontual dos alugueis.

Embora essas duas iniciativas tenham se originado na burguesia, uma terceira iniciativa foi um exemplo de esforços de melhoria de status dentro das classes trabalhadoras. Em Amsterdã, o governo socialdemocrata local iniciou uma política de habitação, na qual foi posta em prática uma distinção entre famílias, separadas entre famílias "respeitáveis" e "não respeitáveis".

Famílias, segundo esta política, que não possuíam padrões mínimos de comportamento civilizado foram relocadas em projetos habitacionais especialmente construídos para as *famílias inaceitáveis*, onde foram colocadas abaixo supervisão para aprenderem a viver uma vida decente. Estes projetos serviram de exemplo para projetos semelhantes em várias cidades do país (Van Wel, 1992, ver também Van Ginkel, 2015).

Embora eu tenha usado no título de meu livro o termo *beschavingsarbeid* (trabalho civilizador) e não o de ofensiva civilizadora, no corpo do texto, no entanto, eu elaborei o conceito de ofensiva civilizadora. Nele expliquei por que estava usando uma noção mais próxima da teoria da civilização eliasiana, - embora não tenha sido usada pelo próprio Elias, - em vez dos conceitos de Foucault e Donzelot. Salientei que os

---

<sup>4</sup>Lançado em português em 1991, pela editora Paz e Terra. (Nota do tradutor).

últimos autores deram uma ênfase unilateral aos interesses disciplinares e profissionais dos ‘assistencialistas’ e se afastaram da idéia de que esses interesses eram contrários aos da classe trabalhadora.

A possibilidade de que as novas regras e padrões comportamentais pudessem estar de acordo com os desejos e interesses dos grupos considerados mais baixos, moldados pela mudança das condições de vida, e de que as famílias em questão aceitassem, ou mesmo ativamente solicitassem certas providências foi, na verdade, descartada. Em meus capítulos empíricos, apresentei vários exemplos deste processo de descarte.

Uma das críticas feita a Foucault foi a de que ele não fez a distinção entre estratégias disciplinadoras e os efeitos reais dessas interferências (Franke, 1988). O fracasso da disciplina causada pela resistência, pela manipulação ou através da indiferença por parte dos receptores não foi discutida e, portanto, a influência dada às profissões assistencialistas sobre as mudanças no estilo de vida das classes mais baixas foi muitas vezes exagerada. Eu argumentei que tal nuance poderia ser ajustada mais facilmente através da abordagem eliasiana de civilização.

### **A disseminação do conceito nos anos de 1980**

Após a sua introdução entre os anos de 1979 e 1980, o conceito de ofensiva civilizadora ganhou gradualmente alguma popularidade na década de 1980, especialmente entre os autores que publicaram na *Amsterdams Sociologisch Tijdschrift* (AST). Revista fundada no início da década de 1970 por cientistas sociais de Amsterdã, que trabalhavam em várias tradições teóricas. Nos anos 80, contudo, a AST passou a ser editada por um grupo mais homogêneo de cientistas sociais, que pesquisavam no interior da perspectiva figuracional: como por exemplo, os sociólogos Christien Brinkgreve, Kees Bruin, Bart van Heerikhuizen e Nico Wilterdink, a antropóloga Kitty Verrips e o historiador Bernard Kruithof.

Embora a AST tenha ainda publicado artigos sobre uma ampla gama de tópicos de diferentes perspectivas teóricas, os autores com afinidade com a sociologia figuracional estavam nela bem representados. Os temas dos artigos, em que o conceito de ofensiva civilizadora foi empregado, giravam em torno, geralmente, de iniciativas da classe média holandesa do século XIX que, mais cedo ou mais tarde, viriam se transformar em intervenção estatal. Como, por exemplo, os trabalhos de De Rooy (1985), ou sobre os professores de culinária, de Van Otterloo (1985), sobre a proteção à criança, de Kruithof & De Rooy (1987), sobre moradias insalubres (Kalff, 1987), sobre a vida na prisão (Franke, 1988), e sobre o cuidado infantil (Van Daalen, 1990).

Além disso, a AST publicou artigos teóricos e debates em que o conceito foi usado, como nos trabalhos de Brunt (1984), Mitzman (1986), Kruithof & Verrips (1987). Fora da AST, o conceito também foi usado por cientistas sociais e historiadores, como Röling (1982), Meurkens (1984), Frijhoff (1985), Verrips, (1987), Davids (1987), Lenders (1988), e Rooijakkers, (1991), entre outros.

Embora a variedade de tópicos tenha sido ampla, é interessante notar que os historiadores e antropólogos aplicaram o conceito de *ofensiva civilizadora* a uma gama maior de temas do que os sociólogos. Eles se concentraram essencialmente na luta entre a cultura popular e a cultura de elite, e as tentativas das elites de mudar as mentalidades das classes populares.

Nessa direção ver, como exemplo o trabalho de Arthur Mitzman, em sua discussão das ideias dos *Annales* e dos psico-historiadores (1986)<sup>5</sup>, como também os

<sup>5</sup>O artigo de Mitzman foi publicado em inglês, em 1987, no *Journal of Social History*, e serviu de ponto de partida para o uso do conceito na língua inglesa (Powell 2013).

trabalhos dos antropólogos e historiadores holandeses, Frijhoff (1985), Wildenbeest (1986), Verrips (1987), Davids (1987), Helsloot (1991), Rooijackers (1991), Sleebe (1992), Van Van Ginkel (1996), e Van den Brink (1996). Eles escreveram sobre aldeias, cidades ou regiões específicas onde uma ofensiva civilizadora foi iniciada e aplicada pelas elites locais e igrejas no intuito de mudar a moral pública através de chamamentos moralizantes e de proibição de certas crenças, rituais, festas públicas, costumes e passatempos vistos como incivilizados.

Os sociólogos, por sua vez, se concentraram menos nas culturas locais, porém, mais na interferência direta dos profissionais assistencialistas com a vida íntima das classes trabalhadoras urbanas, e como isso mudou as relações familiares, as emoções e as personalidades dos receptores (De Regt 1984, Kalff, 1990).

### **Popularização do conceito da década de 1990**

O conceito de *ofensiva civilizadora* foi concebido como um termo sociológico neutro, em termos de valor, para descrever e analisar várias atividades de indivíduos ou grupos dominantes em direção a grupos menos poderosos. No entanto, o termo teve desde a sua introdução um tom crítico, reforçado pela palavra ofensiva (*offensief*) que soou bastante militante. No decurso dos anos 90, no entanto, o conceito foi retomado no discurso público, perdeu o seu significado sociológico específico e passou de um termo não avaliativo, ou ligeiramente negativo, para um termo mais propositivo.

Nesta seção, vou rastrear essa mudança no uso e significado do termo em jornais diários e semanais holandeses<sup>6</sup>. O ponto de partida da análise é o ano de 1990.

Somente a partir deste ano os jornais ficaram disponíveis em formato digital e puderam ser analisados com palavras-chave. Mesmo assim, todo o *corpus* de jornais ainda não está completo e há omissões e erros. Portanto, me abstenho de uma análise quantitativa e me restrinjo a uma ordenação e análise temática dos vários tópicos e usos do conceito.

Os artigos nos jornais variaram consideravelmente: notícias, revisões de livros, ensaios, entrevistas, colunas, cartas ao editor, anúncios e outros. Às vezes, a palavra *ofensiva civilizadora* só foi mencionada de passagem, às vezes apareceu de forma central no argumento em questão. Às vezes o termo foi usado por um jornalista, por vezes, por um revisor de livro, ou por um porta-voz sobre um tema específico qualquer, ou, ainda, nas palavras de um entrevistado. Li todos os artigos, longos ou curtos, e analisei os tópicos, o contexto e os significados dados ao termo.

Na imprensa em geral, o conceito de ofensiva civilizadora foi usado de várias maneiras. Primeiro, de uma forma sociológica. Como no caso das revistas e de livros sociológicos ou históricos que continham a noção. Eram livros que tratavam das mudanças históricas em certas regiões, cidades e bairros; sobre a história da cultura material, habitação e design; sobre peças de teatro; sobre organizações de saúde e

<sup>6</sup>Esses jornais estão disponíveis em formato digital no sistema Lexis-Nexis, desde 1990. O arquivo Lexis-Nexis é composto por todas as revistas semanais holandesas, jornais nacionais, jornais regionais e todas as edições regionais e locais dos jornais nacionais e regionais, totalizando junto 58 jornais. Analisei o arquivo Lexis-Nexis com a palavra-chave ofensiva civilizadora. De 1990 a 2013 o arquivo deu cerca de 1000 acessos. Por várias razões, não foi possível realizar análises quantitativas: em primeiro lugar, muitos *hits* se referem ao mesmo artigo em diferentes textos. Por exemplo, as mensagens do *Dutch Press Bureau* (ANP) são adotadas literalmente. Em segundo lugar, entre os 58 jornais há muitas edições diferentes do mesmo jornal com exatamente os mesmos artigos e, em terceiro lugar, o arquivo apresenta omissões e duplicação de material. Li todos os artigos, os analisei categorizando os vários usos do conceito e destacando as categorias mais importantes. No texto não faço nenhuma referência aos locais e localização exatos: a quantidade de jornais é muito grande e o artigo ficaria ilegível, especialmente para possíveis leitores não holandeses.

profissões como enfermagem e outras; sobre estudos da natureza; e sobre todos os tipos de atividades de lazer. Nesses livros, o conceito de ofensiva civilizadora não se restringiu ao século XIX, mas se estendeu a períodos anteriores, desde o período grego e romano, até a Idade Média, e da Idade Média até o início dos tempos modernos.

A influência civilizadora atribuída a Platão, às igrejas, aos mosteiros e aos missionários, à música gregoriana, às histórias medievais, ao teatro do século XVI, e assim por diante, mostra que o termo foi ampliado para muito além das ofensivas burguesas. Na maioria dos casos, os revisores mencionaram o conceito de ofensiva civilizadora sem discutir o termo. Um crítico recriminou a "camisa de força eliasiana" de um autor, e um revisor elogiou um autor pelo seu uso específico do termo em que, segundo ele, muitos historiadores aplicaram o conceito sem especificar seu significado exato.

Da mesma forma, a noção de ofensiva civilizadora foi usada em todos os tipos de artigos sobre eventos atuais, como festas anuais, passatempos e aniversários, bem como em carnavais, feiras de diversão, patinação, canto, jardinagem, *Sinterklaas* (Natal) e sobre o dia da rainha. Esses acontecimentos foram colocados em uma perspectiva histórica e descritos como o resultado de uma ofensiva civilizadora em tempos anteriores.

Um tópico que foi frequentemente mencionado em associação com o conceito de ofensiva civilizadora foi o de *alta cultura*. Aqui, o termo foi introduzido pelo sociólogo e jornalista Warn Oosterbaan para descrever a política do governo em espalhar a alta cultura das elites culturais para a população em geral.

A função da arte de civilizar os menos privilegiados foi muitas vezes mencionada nos jornais em termos neutros, como um fato que não precisa de explicação. Em artigos (históricos), - por exemplo, sobre arquitetura, dança, teatro, design, museus e música, - as referências foram feitas a uma possível ofensiva civilizadora sem comentários adicionais.

Às vezes, uma nota crítica pode ser ouvida, como, por exemplo, quando em 1999 o Ministro da Cultura holandês proclamou a "arte para o maior número de pessoas possível" como um ideal cultural, um jornal chamou isso de "terminologia militante da ofensiva civilizadora socialista". Ou seja, da idéia socialista tradicional de que as artes poderiam ser usadas para elevar as classes mais baixas.

O mesmo ocorreu em comentários sobre uma manifestação massiva contra os cortes orçamentários consideráveis para as artes, em 2010. O movimento de protesto sob o título *Viva a civilização!* foi descrito como uma ofensiva civilizadora, em um sentido positivo, entretanto, outros criticaram a rejeição dos manifestantes ao gosto popular.

### **Uma ofensiva civilizadora como remédio**

Foi em meados da década de 1990 que a noção ofensiva civilizadora adquiriu os contornos morais que manteve até hoje, quando se tornou parte de um discurso geral sobre o declínio moral<sup>7</sup>. Tal discurso, é claro, não se restringiu aos Países Baixos, mas, e se ampliou e se tornou mais forte em todas as sociedades ocidentais.

Nos Países Baixos, a preocupação foi dada à questão que, em termos dramáticos, foi chamada de "destruição e ruína" da sociedade. O que evocou comentários

<sup>7</sup>A percepção do declínio moral é generalizada nas sociedades ocidentais contemporâneas. As questionar habitantes de vários países da Comunidade Europeia e os Estados Unidos sobre se o estado dos valores morais havia melhorado ou piorado em seu país, o termo "declínio moral" foi indicado por 62 por cento de uma amostra holandesa em 2006, por 83 por cento dos entrevistados britânicos em 2007, e por 76 por cento de uma amostra americana em 2010 (Wilterdink, 2010).

preocupados por todos os lados, que falavam do avanço do comportamento grosseiro (*hufterigheid*)<sup>8</sup> e do brutalamento da sociedade em geral, e, especificamente, em relação ao declínio dos bairros, e ao comportamento violento e destrutivo dos jovens na esfera pública e nos campos desportivos.

Para inverter esta tendência, foi sugerida uma ofensiva civilizadora, como uma das soluções. Em centenas de artigos nos jornais o termo foi usado em exortações, em remédios, em propostas concretas e discussões. Às vezes, os apelos eram de um tipo bastante abstrato: "Precisamos de uma nova ofensiva civilizadora", ou: "Toda geração atual precisa de uma ofensiva civilizadora profunda". Às vezes, as propostas eram mais específicas.

Um dos porta-vozes influentes de uma "nova ofensiva civilizadora" foi o sociólogo cultural Gabriël van den Brink. Em seu livro sobre a família (1997) ele fez um apelo para uma ofensiva civilizadora em relação às famílias: ajudar as famílias multiproblemáticas e as famílias em necessidade, incluindo nessa ofensiva informação, prevenção, educação e cuidados de saúde.

O seu livro recebeu muita atenção dos jornais. Ele recebeu vários comentários e, em entrevistas subsequentes, o autor reiterou a necessidade de uma ofensiva civilizadora. Nas discussões sobre o declínio moral, o livro de Van den Brink foi frequentemente mencionado.

O conceito de ofensiva civilizadora se propagou também no discurso público, pelos políticos que imploraram por um comportamento mais civilizado. Este apelo não se restringiu a um partido político, mas, foi expresso por políticos de todas as tendências, da direita à esquerda<sup>9</sup>.

Em 2002, o líder do partido cristão-democrata Jan Peter Balkenende fez um apelo urgente para mais *decência* na vida pública e para diminuir a incivilidade. Este apelo e o de seus colegas, membros do partido, foram reiterados muitas vezes, especialmente durante o tempo em que Balkenende foi o primeiro-ministro holandês. Entretanto, membros conservadores do partido liberal também pediram um comportamento mais civilizado.

Wilders, o líder do Partido da Liberdade, de direita, defendeu uma ofensiva civilizadora contra os imigrantes, enquanto outros pensavam ser necessário demonstrar uma ofensiva civilizadora contra Wilders. Em 2008, o ministro socialdemocrata de Assuntos Internos propôs uma ofensiva contra a incivilidade e a grosseira e formulou um *catálogo de valores* para o bom comportamento.

Em 2013, um apelo emocional para uma ofensiva civilizadora foi feito pelo presidente do Partido Trabalhista. Enervado com as ameaças severas que tinha recebido por e-mail e pelo Twitter, ele achou prudente publicar uma seleção dessas mensagens, acompanhado de um apelo por uma ofensiva civilizadora. Ele recebeu o apoio de seu colega, o Ministro do Interior, que antes havia exigido uma *ofensiva de decência*. Esta ação provocou muitos comentários, principalmente de apoio, embora alguns jornais tenham alertado contra a censura das mídias sociais. Todos esses apelos atraíram a atenção da mídia e tornaram o conceito de ofensiva civilizadora mais atual.

Embora a noção de ofensiva civilizadora tenha sido usada em lamentações sobre o declínio moral da sociedade, ela era mais frequentemente utilizada no contexto de problemas específicos, principalmente, em relação ao comportamento em espaços públicos. Começou, no início da década de 1990, com artigos de imprensa sobre as

---

<sup>8</sup>O termo *hufterigheid* é uma mistura maliciosa dos termos grosseria e arrogância. (Nota do tradutor).

<sup>9</sup>Essas exortações morais não se restringiam aos Países Baixos. Veja, por exemplo, Powell e Flint (2009) sobre a Agenda de Respeito (*Respect Agenda*) de Tony Blair para reduzir o comportamento antissocial no Reino Unido.

iniciativas em várias cidades contra urinar (*wildplassen*) em lugares públicos, que foram chamadas de uma ofensiva civilizadora pelas autoridades envolvidas.

Alguns anos mais tarde, essa luta se tornou parte de uma ofensiva mais ampla: a introdução de costumes urbanos ou de uma etiqueta da cidade (*stadsetiquette*) para reprimir o comportamento sem padrões. A idéia de uma etiqueta da cidade foi amplamente divulgada, primeiro em Roterdã, depois, outras cidades também lançaram planos semelhantes para um comportamento mais civilizado.

Esses planos variaram desde o restringir o ciclismo através de luzes vermelhas, urinar nas ruas, jogar lixo nas ruas, merda de cachorro no pavimento, medidas contra o uso de álcool e drogas, até a questão da violência e da criminalidade. As medidas para *instalar normas e valores* incluíam, por exemplo, CCTV<sup>10</sup>, mais "*blauw*"<sup>11</sup> (polícia) nas ruas, uma política de olho por olho (*tit-for-tat policy*) e cursos obrigatórios para os pais sobre como melhorar a educação de suas crianças.

Os policiais desempenharam um papel importante nesses anúncios públicos de ofensivas civilizadoras. Eles mesmos proclamaram uma nova ofensiva civilizadora para recapturar a sua autoridade nas cidades. É provável que se sentissem atacados por todas as queixas sobre a degradação da esfera pública.

Um exemplo disso veio de um chefe de polícia de Amsterdã, que anunciou em sua mensagem de Ano Novo, em 2006, um aperfeiçoamento, dirigido a "*mais decência*", "*boas maneiras*" e o que chamava de "*pavios mais longos*". Os "*pavios curtos*" tinham se tornado um termo popular para explicar todos os tipos de comportamento rude em público, em que as pessoas não podiam se controlar quando algo não lhes servia. Ao mesmo tempo, o chefe de polícia aplicou a sua ofensiva civilizadora contra os seus próprios oficiais, e proibiu os cabelos longos, as tatuagens, os piercings, e os sapatos brilhantes. O seu discurso foi amplamente discutido nos jornais, com respaldos, mormente, favorável.

O transporte público foi um dos principais focos de queixas sobre comportamento incivilizado. Em 1997, um passageiro de trem apelou em uma carta ao editor de um jornal por uma ofensiva civilizadora nos trens. Mais tarde, foi amplamente discutida a necessidade de um aperfeiçoamento para as autoridades de transporte público de Roterdã para a melhoria do comportamento em ônibus e bondes.

As autoridades anunciaram que o comportamento incivilizado e grosseiro, a agressividade e o desvio de tarifas seriam abortados pela introdução de condutores móveis e pelo direito de funcionários especiais usarem algemas. Mas, também, pelo que se chamou de "uma astuta ofensiva civilizadora".

Este modelo também foi adotado por outras organizações de transporte público que, do mesmo modo, consideraram a necessidade de uma ofensiva civilizadora. Em 2008, uma Força Tarefa sobre o Transporte Público Seguro foi introduzida, e anunciada no jornal como a "Força tarefa para pavios curtos" (*Short Fuses Taskforce*).

Em muitos desses casos, os jovens foram o alvo especial das ofensivas civilizadoras. As supostas incivilidade e grosseria dos jovens no espaço público, nos transportes públicos e a sua agressividade dentro e fora dos campos esportivos atraiu comentários de que as ofensivas civilizadoras deviam ser especialmente dirigidas a esses jovens.

<sup>10</sup>CCTV [System Software Get Trial Version], câmeras de controle urbano para obtenção e registro de provas. [Nota do tradutor].

<sup>11</sup>*Blauw*, os azuis, cor da farda policial com que são conhecidos e chamados os policiais pela população local.

Em 2002, uma ofensiva civilizadora para o esporte foi anunciada sob o título "*Desportismo e Respeito*". Tinha por objetivo conter o mau comportamento dentro e fora dos campos de jogo.

A análise dos problemas contidos nesta ofensiva civilizadora considerava todos os esportes, mas estavam, no entanto, sobretudo, concentrados no futebol, por causa da rudeza e dos abusos no campo de futebol, continuamente relatados nos jornais. A violência contra um chefe de torcida (*linesman*), e sua morte subsequente, por apoiadores da equipe adversária no inverno de 2012 acenou novamente para uma nova ofensiva civilizadora no futebol. No entanto, outra ofensiva civilizadora não era apenas necessária para travar a violência e os abusos nos campos de jogo, mas, também, para promover a aceitação da homossexualidade e desestimular o antissemitismo.

Talvez seja surpreendente que a noção de ofensiva civilizadora não tenha sido usada com mais frequência no contexto do comportamento dos migrantes. Comentários negativos sobre o comportamento dos *allochtonen*<sup>12</sup> podem ser ouvidos regularmente no discurso público. Em minha pesquisa encontrei várias referências a minorias étnicas e a necessidade de uma ofensiva civilizadora, embora não tanto quanto eu esperava.

O conceito foi usado em um artigo de muita influência e muito discutido de Paul Scheffer (2000), que criticou a negligência em relação aos problemas causados pelos *allochtonen* na sociedade holandesa, e sublinhou a necessidade de uma ofensiva civilizadora. Outros, como Gabriël van den Brink e um administrador local de Amsterdã, - de origem marroquina, - propagaram uma ofensiva civilizadora para promover atitudes modernas aos muçulmanos, para evitar o antissemitismo e a homofobia e, também, para parar o comportamento agressivo contra os funcionários públicos.

Nas queixas sobre o declínio moral, a sexualidade sempre foi motivo de grande preocupação. No entanto, a noção de ofensiva civilizadora para melhorar a moralidade sexual nunca foi usada.

Na década de 1990, contudo, uma campanha televisiva contra a violência sexual, encomendada pelo governo, foi apresentada em uma entrevista como uma "ofensiva civilizadora", com exortações para "moderar a agressividade sexual" e de que fazer "sexo não é obrigatório". Em 2007, um membro do parlamento, - preocupado com a expansão da pornografia e da nudez, segundo ele, tão facilmente disponível aos jovens na internet, - exigiu uma ofensiva civilizadora, mas essas foram exceções.

### **Contestando as ofensivas civilizadoras**

Apesar da difusão da conotação moral do termo ofensiva civilizadora, as opiniões sobre o seu conteúdo diferiram. O significado dominante caía sobre a tônica do ensino da decência, das boas maneiras e do comportamento público educado em geral, e, em particular, para os jovens, os usuários dos transportes públicos, os jogadores de futebol e seus admiradores, e os migrantes. Contudo, alguns publicitários e políticos deram significados alternativos ao conceito: propagaram uma ofensiva civilizadora voltada para a tolerância, a responsabilidade individual, a incerteza-resistência e a autorrelativização, em suma, uma forma de gestão emocional ligada ao que Cas Wouters (1990) chamou de informalização.

A preocupação com o sexo comercializado, por exemplo, levou em 2008 a várias publicações de liberais de esquerda sobre a necessidade do que eles chamaram de uma "ofensiva civilizadora erótica". Este termo ganhou maior publicidade quando um cineasta em um documentário, amplamente discutido na televisão, fez um apelo para um

---

<sup>12</sup>Termo holandês, com notas pejorativas, dirigido às minorias não ocidentais. [A introdução do 'com notas pejorativas' foi do tradutor].

tipo de sexualidade não comercializada: “não pornô”, mas com “prudência”, “sexo lento” em vez de “sexo turbinado”, e por aí seguindo. A “ofensiva civilizadora erótica” apontou não tanto para a repressão, mas, para o ensino de uma atitude aberta, mais liberal e mais autocontrolada em relação a sexualidade.

Em 2006, o líder partidário do Partido dos Animais (*Partij voor de Dieren*) usou o conceito com a intenção de focar a necessidade de melhorar as relações entre seres humanos e animais, como o primeiro passo para remediar o equilíbrio entre os seres humanos e a natureza em geral. Ele demandou pelos direitos dos animais na constituição, a proibição da vivissecção, a proibição da bioindústria, e reiterou esse apelo em anos posteriores.

Um pouco mais cedo do que o Partido dos Animais, o Partido Verde (PV) trouxe a noção de ofensiva civilizadora para o discurso político. Na campanha eleitoral de 2002, o líder político do PV introduziu a noção de civilização como um tema importante e viu a ofensiva civilizadora como uma de suas missões políticas.

Nos anos de 2008 e 2009 essa “ofensiva civilizadora a partir da esquerda” foi mais discutida e usada amplamente pela imprensa. O seu significado foi disputado entre os vários porta-vozes de esquerda. Alguns defendiam o ideal socialista de elevar as pessoas, outros a tradição da esquerda-liberal de liberdade individual. Dois antigos membros do PV, ambos sociólogos e publicitários, representaram as diversas opiniões divergentes nos jornais.

Evelien Tonkens clamou pela educação moral, serviço social e pela elevação das virtudes, gostos e interesses. E concordou, nesse respeito, com o psiquiatra inglês conservador Dalrymple.

Dick Pels, por outro lado, viu no individualismo de livre-pensamento o núcleo para uma ofensiva civilizadora. Mas, ambos, viram a *'relatividade'*, *'incerteza'*, *'tolerância'*, e *'autoironia'* como virtudes essenciais a serem ensinadas ao público. Ambos, igualmente, reagiram fortemente contra os “grileiros” capitalistas e anunciaram que as classes médias e os de maiores rendimentos não devem ser eximidos de uma ofensiva civilizadora.

No decorrer da década de 1990 o conceito de ofensiva civilizadora, como uma categoria moral positiva, tornou-se predominante na imprensa em geral: o aperfeiçoamento moral de camadas da população foi aplaudido. No entanto, desde o seu início, esta opinião foi contestada, e provocou contra-argumentos.

Os críticos advertiram contra a moralização e deram vazão a uma aversão ao que eles chamavam de ações paternalistas e paternalismo. Eles falaram sobre os “novos censores morais”, sobre “intromissão imprópria”, “linguagem forte” e “picuinhas”. Eles pensavam que uma ofensiva civilizadora significava apenas um apelo moral e uma estrita aplicação das regras e pediam medidas práticas, como mais polícia, melhores motoristas, melhores professores, melhor moradia e melhorias na vizinhança. Outros subsumiram essas medidas em seu apelo para uma ofensiva civilizadora.

Os apelos para uma ofensiva civilizadora por políticos, em particular, foram fortemente criticados e ridicularizados. Quando este apelo veio de partidos conservadores, os esquerdistas tomaram as armas contra as “camisas de força conservadoras”, quando dos partidos da esquerda, os conservadores reclamaram que seu programa estava sendo assumido, enquanto os liberais acusavam ambos os lados do paternalismo.

Uma ofensiva civilizadora contra as minorias étnicas também foi contestada. Foi vista como um sinal de crescente intolerância. O artigo de Paul Scheffer, mencionado acima, deu origem a um intenso debate. Um revisor disse mesmo que o que o autor

propôs não era uma *beschavingsoffensief* (ofensiva civilizadora), mas, uma *Kulturkampf* (Luta pela Cultura)<sup>13</sup>.

Em 2004, a Ministra do Interior, Verdonk, expressou a sua indignação pela recusa de um líder islâmico, um imã, de apertar a sua mão. Ela viu esse episódio como um exemplo das maneiras inaceitáveis dos imigrantes. Na discussão que se seguiu, seus adversários a acusaram de travar uma "ofensiva civilizadora estreita de espírito" contra as minorias étnicas. As suas tentativas de "submissão" foram vistas como "excessivas". No mesmo contexto de imigrantes, a introdução obrigatória de um cânone de história holandesa para as escolas, em 2006, foi chamada de "implacável ofensiva civilizadora" para conservação da cultura nacional tradicional.

### Conclusão

Na seção anterior, eu analisei a mudança de uso e a conotação do conceito de ofensiva civilizadora nos jornais holandeses, de 1990 até 2003. Concentrei-me sobre os principais temas em que o termo foi usado e os significados, que foram, explícita ou implicitamente, dados ao termo. Foi impossível discutir todas as variações e tópicos encontrados nos jornais. Por exemplo, eu deixei de fora as referências esparsas feitas sobre o papel dos meios de comunicação e as observações sobre ofensivas civilizadoras no exterior.

Durante todo o período de estudo o termo permaneceu em uso em revisões de estudos históricos e em retrospectivas de organizações, passatempos e eventos que haviam sido chamados de ofensivas civilizadoras por historiadores, sociólogos e antropólogos. O fato de que o conceito foi originalmente usado para as atividades da burguesia do século XIX, mas, depois ampliado para outros períodos e grupos, nunca apareceu nos comentários.

No decorrer da década de 1990 o conceito de ofensiva civilizadora esteve, cada vez mais, ligado a todos os tipos de males sociais contemporâneos, e usado de uma maneira normativa e moralizadora. Na maioria das vezes, a moralização dizia respeito aos problemas da indecência, da violência, do vandalismo, do hooliganismo ou da incivilidade nos lugares públicos, e à falta de "normas e valores" em geral.

A ofensiva civilizadora foi vista como um meio de ensinar o comportamento civilizado para todos os que apresentavam um tipo de comportamento visto como não condizente: os habitantes de bairros pobres, a classe trabalhadora, os jovens, os imigrantes, os usuários de transporte público, os jogadores de futebol e outros desportistas e os fãs do esporte. Todavia, uma alternativa, no sentido de esquerda liberal, fez referência ao ensino da tolerância e da responsabilidade individual, e também pode ser encontrada nos jornais.

Em certos aspectos, o significado sociológico do conceito que envolve a baliza ofensiva civilizadora e o significado do termo no discurso público não é muito diferente. Em ambos os casos, o termo se refere a ações para controlar todos os tipos de comportamento que são vistos como desfavoráveis. Mas o aspecto do autocontrole, tão fundamental no conceito sociológico, é muitas vezes perdido no uso cotidiano.

Além disso, nas ciências sociais, a noção de ofensiva civilizadora é um conceito analítico, usado para explicar as ações dos grupos dominantes, os ligando a interdependências mutáveis entre os grupos. O conceito popular, por outro lado, é usado como uma exortação para dar início a intervenções na intenção de conter todo tipo de comportamento considerado desviante, e não tem conotações explicativas.

<sup>13</sup>O termo *Kulturalkampf* diz respeito ao movimento anticlerical alemão iniciado por Bismarck entre os anos de 1872 a 1887. [Nota do tradutor].

A explicação da mudança para a moralização pode ser encontrada no desenvolvimento societário desde a década de 1960. O conceito de ofensiva civilizadora no seu começo, no início dos anos 1980, possuía uma conotação ligeiramente crítica. Esta foi uma herança das décadas de 1960 e 1970, quando as desigualdades de classe, as diferenças de poder e as relações sociais hierárquicas em geral foram atacadas, tanto na sociedade como um todo, quanto nas ciências sociais.

Definir as diferenças de cultura em uma ordem hierárquica era então desaprovado. As ofensivas civilizadoras implicavam em relações desiguais entre classes e em intervenções de cima para baixo nos hábitos e mentalidades das classes mais baixas. Portanto, as iniciativas do século XIX foram consideradas com uma distância crítica, até mesmo pelos cientistas sociais, que preferiram a noção de ofensiva civilizadora em relação a conceitos mais prezados como os de "disciplina" e "controle social".

Mas, nos anos de 1990, a herança dos anos 60 foi seriamente atacada. A maior liberdade de ação, o aumento relativo da igualdade entre as classes, as gerações e os sexos, a informalidade das maneiras e a imprecisão das regras trouxeram novos problemas de obediência e autoridade (Wouters, 1990). A preocupação com a moralidade pública, o comportamento grosseiro, a falta de disciplina, a violência crescente e a criminalidade caminham lado a lado com a ansiedade sobre o comportamento das minorias étnicas e a sua relutância em se adaptar à cultura holandesa.

Isso deu origem a apelos à ação e intervenções concretas para remediar esses males sociais. A noção de ofensiva civilizadora tornou-se o termo para se referir a essas várias ações.

No entanto, não é fácil explicar por que o termo científico social que descreve a ofensiva civilizadora tenha sido prontamente retomado no discurso público na Holanda. Historiadores, sociólogos e publicitários sociologicamente treinados introduziram o conceito na imprensa pública, utilizando-o principalmente no sentido sociológico e o aplicando aos acontecimentos históricos. Mas, por que o conceito se tornou tão atraente para um público não sociológico, e por que ele foi usado como uma resposta às preocupações sociais, definidas como problemas de moralidade?

Talvez tenha sido tão facilmente aceito no discurso público porque possui um slogan fácil: a palavra é emocionalmente carregada e o seu significado parece autoevidente, parece energético e pode ser usado para uma variedade de intervenções. Além disso, o termo holandês *beschaving* (civilização) é uma palavra antiga, popularizada a partir do século XVIII (Den Boer, 2001). O chamado para um novo aperfeiçoamento também está ligado à "virada cultural" na sociedade e nas ciências sociais desde a década de 1990.

Na sociologia, a tendência para definir e explicar os problemas sociais não como resultado de insuficiências estruturais, mas como insuficiências culturais, se tornaram mais forte. Ausência de normas e valores, hábitos errados, e mesmo a acusação de falta de moral foram vistas como causas principais. E, em consonância com isso, os antídotos foram mais rapidamente procurados, no ensino da disciplina e na aplicação mais estrita das regras, do que nas melhorias estruturais, como havia sido defendido nas décadas de 1970 e 1980.

Por fim, isto leva à questão de saber se o conceito de ofensiva civilizadora continua a ser útil como um conceito sociológico, enquanto sua denotação normativa se tornou tão dominante. Penso que este é apenas o caso para voltarmos ao significado original do conceito e o associarmos à teoria da civilização de Norbert Elias. Ao se restringir o termo a uma análise das intervenções na vida de certos grupos, com o

objetivo de incutir mais autocontrole, o conceito deixa de possuir, apenas, um valor histórico, e pode ser útil para lançar luz às práticas contemporâneas.

### Referências

- Boer, Pim den. *Beschaving*. Amsterdam: AUP, 2001.
- Brink, Gabriël van den. *De grote overgang. Een lokaal onderzoek naar de modernisering van het bestaan. Woensel 1670–1920*. Nijmegen: SUN, 1996.
- Brink, Gabriël van den. *Hoge eisen, ware liefde. De opkomst van een nieuw gezinsideaal in Nederland*. Utrecht: NIZW, 1997
- Brunt, Lodewijk. Antropologie en geschiedenis, and never the twain shall meet, *Sociologisch Tijdschrift*, v. 11, n. 3, p. 561–577, 1982.
- Daalen, Rineke van. Tot behoud van de gezondheid. Leefregels en een sociaal programma op wetenschappelijke basis. *Amsterdams Sociologische Tijdschrift*, v. 17, n. 1, p. 47–73, 1990.
- Davids, C.A. Het ofensiva civilizadoravan de dierenbeschermers in Nederland voor de Eerste Wereldoorlog. *Volkkundig Bulletin* n. 13, p. 182–207, 1987.
- Donzelot, Jacques. *The Policing of Families*. New York: Random House, [1977], 1979.
- Foucault, Michel. *Discipline and Punish. The Birth of the Prison*. Harmondsworth: Penguin Books, [1975], 1977.
- Franke, Herman. Opvoeding als doelbewuste civilisering. Een penitentiair ofensiva civilizadorain het interbellum, *Amsterdams Sociologisch Tijdschrift*, v. 15, n. 1, p. 108–130, 1988.
- Frijhoff, Willem. Publieke beschavingsoffensieven in de vroegmoderne tijd. *Volkkundig Bulletin*, v. XI, n. 1, p. 93–101, 1985.
- Ginkel, Rob van. A Dutch Sodom and Gomorrah: Degenerates, moralists and authority in Yerseke, 1870–1914. *Crime, Law & Social Change*, n. 24, p. 223–239, 1996.
- Hellsloot, J.I.A.H. *Vermaak tussen beschaving en kerstening. Goes 1867–1896*. Amsterdam: Van Gennep, 1995.
- Kalff, Elsbeth. Honorabele particulieren als voorposten van de staat. Zorg om ongezonde woningen in Parijs, 1850–1880. *Sociologische Tijdschrift*, v. 13, n. 4, p. 751–796, 1987.
- Kruithof, Bernard and Kitty Verrips. De andere gelegenheid: over Staat en Verzorging. *Sociologisch Tijdschrift*, v. 14, n. 3, p. 493–510, 1987.
- Kruithof, Bernard and Piet de Rooy. Liefde en plichtsbesef. De kinderbescherming in Nederland rond 1900. *Sociologisch Tijdschrift*, v. 13, n. 4, p. 637–668, 1987.
- Kruithof, Bernard, Jan Noordman and Piet de Rooy (Eds). *Geschiedenis van opvoeding en onderwijs*. Nijmegen: Sun, 1982.
- Lasch, Christopher. *Haven in a Heartless World. The Family Besieged*. New York: Basic Books, 1977.
- Lenders, Jan. *De burger en de volksschool. Culturele en mentale achtergronden van een onderwijshervorming. Nederland 1780–1850*. Nijmegen: Sun, 1988.
- Lis, Catharina and Hugo Soly. *Armoede en kapitalisme in pre-industrieel Europa*. Antwerpen/Amsterdam: Standaard, 1980.

- Meurkens, P. *Sociale verandering in het oude Kempenland 1840–1910*. Nijmegen: UM 1984.
- Mitzman, Arthur. Het beschavingsoffensief: mentaliteit, cultuur en psyche. *Sociologisch Tijdschrift*, v. 13, n. 2, p. 179–222, 1986.
- Otterloo, Anneke H. van. Voedzaam, smakelijk en gezond. Kookleraressen en pogingen tot verbetering van eetgewoonten tussen 1880 en 1940. *Sociologisch Tijdschrift*, v. 12, n. 3, p. 495–542, 1985.
- Piven, Frances Fox and Richard A. Cloward. *Regulating the Poor. The Functions of Public Welfare*. New York: Random House, 1971.
- Powell, R. The theoretical concept of the "civilizing offensive" (*beschavingsoffensief*): Notes on its origins and uses. *Human Figurations*, v. 2, n. 2, (online journal), 2013.
- Powell, R. and J. Flint. Informalization and the civilizing process: Applying the work of Norbert Elias to housing-based anti-social behavior in the UK. *Housing, Theory and Society*, v. 26, n. 3, p.159–178, 2009.
- Regt, Ali de. Armeenzorg en disciplineren. *Amsterdams Sociologisch Tijdschrift*, v. 8, n. 4, p. 636–659, 1983.
- Regt, Ali de. *Arbeidersgezinnen en beschavingsarbeid. Ontwikkelingen in Nederland 1870–1940*. Meppel: Boom, 1984.
- Röling, H.Q. Adviezen over sexuele problemen. Een bron voor de geschiedenis van het burgerlijk beschavingsoffensief. In: *Geschiedenis, psychology, mentaliteit*. Amsterdam, p.138–155, 1982.
- Rooijackers, Gerard. Confrontatie of accommodatie. Het protestantse ofensiva civilizadorain de Meiering van's Hertogenbosch 1648–1800. *Volkskundig Bulletin* n. 43, p. 1–7, 1991.
- Rooy, Piet de. *Werklozenzorg en werkloosheidsbestrijding 1917–1940. Landelijk en Amsterdams beleid*. Amsterdam: Van Gennep, 1979.
- Rooy, Piet de. Het zwaarste beroep. Succes en falen van het huishoudonderwijs in Nederland, 1875–1940. *Sociologisch Tijdschrift*, v. 12, n. 2, p. 207–248, 1985.
- Sleebe, Vincent. *In termen van fatsoen. Social controle in het Groningse kleigebied 1770–1914*. Amsterdam: Groningen, 1994.
- Swaan, A. de. In Care of the State. Health Care, Education and Welfare in Europe and the USA in the Modern Era. Amsterdam: Bert Bakker, 1988.
- Verrips, K. Noblemen, farmers and labourers. A civilizing offensive in a Dutch village', *Netherlands' Journal of Sociology*, 23, p. 3–16, 1987.
- Wel, F. van. A century of families under supervision in the Netherlands. *British Journal of Social Work*, n. 22, p. 147–166, 1992.
- Wildenbeest, Gerrit. Van quanselbier naar oranjebitter. Over de ontwikkeling van publieke feesten in de Achterhoek. *Sociologisch Tijdschrift*, v. 13, n. 1, p. 49–82, 1986.
- Wilterdink, Nico. Beschavingsarbeid in historisch perspectief. *Bestuurskunde*, v. 17, n. 1, p. 7–15, 2008.
- Wilterdink, Nico. *On Moral Decline*. Paper for the ISA World Congress, Gothenburg, 11–17 July, 2010.

Wouters, Cas. *Van minnen en sterven. Informalisering van omgangsvormen rond seks en dood*. Amsterdam: Bert Bakker, 1990.

Wouters, Cas. *Informalization. Manners & Emotions since 1890*. Los Angeles: Sage, 2007.

